

**MINHA HISTÓRIA DAS MULHERES. Michelle Perrot.
São Paulo, editora Contexto, 2007, 190p.**

Rebeca Contrera Ávila*

Contemplando diferentes olhares sobre as mulheres e colocando-se a si própria como testemunha e protagonista, Michelle Perrot empenha-se, fundamentada em mais de três décadas de pesquisas sobre a história das mulheres, em fazer emergir um relato histórico que destaque o papel atuante das mulheres como atrizes e agentes sociais de sua própria história. O que a move nessa empreitada é o desejo de compreender, elucidar e não o de reparar de brechas (deixadas pela violência, pela dominação ou pela invisibilidade).

Na primeira parte da obra, traça uma descrição do itinerário percorrido pela historiografia: das diferentes formas de se escrever sobre as mulheres ao advento de uma história das mulheres. Essas passam a ser, ao mesmo tempo, sujeitos e objetos de seu próprio relato, levando a uma mudança radical na maneira de se escrever a história das mulheres.

Durante muito tempo, as mulheres foram objeto de um relato histórico que as relegou ao silêncio e à invisibilidade. São invisíveis, pois sua atuação se passa quase que exclusivamente no ambiente privado da família e do lar. O espaço público pertence aos homens e poucas mulheres se aventuram nele. São invisíveis, pelo silêncio das fontes, porque, como são pouco vistas nesses locais públicos, pouco se fala delas. Nesse ponto, há uma aparente contradição nos argumentos da autora, já que mais à frente, ainda no primeiro capítulo, ela fala do excesso de discursos sobre as mulheres. O que ocorre é, ao mesmo tempo em que são excessivamente descritas, representadas e imaginadas, são também silenciadas. Silêncio, não no sentido da ausência de fontes sobre as mulheres, mas na representação dos relatos que se fazem delas; silêncio no sentido da falta de discursos autênticos e da assimetria sexual, já que esses discursos eram produzidos por homens; silêncio no sentido da falta de fontes que retratem

* Pedagoga, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João Del Rei.

a existência cotidiana e particular da vida real. Mulheres comuns deixaram poucos vestígios materiais que pudessem ser considerados fontes históricas, como correspondência, diários íntimos, autobiografias, declarações de amor e objetos pessoais. Os vestígios dessas mulheres foram apagados, destruídos, desprezados (muitas vezes por elas mesmas). Dentre todas as razões apresentadas para a invisibilidade histórica das mulheres, a autora destaca que o silêncio mais profundo é o silêncio do relato, pois se faz dominado pelo exclusivismo político, econômico e social masculino, no qual a história produzida é a história das rainhas e heroínas ou a história das mulheres imaginadas e idealizadas pelos homens.

A segunda parte do livro é dedicada ao corpo e à posição sexualmente demarcada que este ocupa nas relações sociais ao longo da história; de como a sociedade organiza e constrói as diferenças entre os sexos. Os corpos femininos foram, subjugados, dominados, violentados das mais diversas formas. Perrot aborda questões relativas às diferentes fases da vida: da longevidade das mulheres como fenômeno recente, resultado não de fatores naturais, mas de fatores sociais; do tabu em torno do sangue menstrual que durante séculos foi associado à impureza, levando ao silêncio, mistura de pudor e vergonha; da virgindade, tida como capital mais precioso das moças solteiras, obsessivamente vigiada e protegida pela família e pela sociedade; do estupro e as leis tardias que fizeram das mulheres vítimas do assédio sexual e da condenação à prostituição; da plenitude da feminilidade que reduz as mulheres aos deveres conjugais, à dependência sexual e à maternidade; da menopausa, no século XIX tão escondida quanto a puberdade, já que nessa etapa da vida deixava-se de ser mulher; e, finalmente, da velhice, onde o crepúsculo da vida ainda é mais invisível que sua existência.

Ainda tratando do corpo, a aparência física e os cabelos recebem um espaço de destaque. A aparência física e a valorização das partes do corpo mudam conforme a sociedade e a época. Por longo tempo, as formas arredondadas foram sinônimo de beleza. No século XX, as pernas são postas à vista, valoriza-se doentivamente a magreza. Pintados, descritos e representados como símbolo sexual e erótico, os cabelos femininos são objeto de desejo.

A alma das mulheres é o tema de interesse a que Michelle Perrot se dedica na terceira parte de sua obra. Mostra como, ao longo dos séculos, as poderosas religiões monoteístas serviram aos interesses da dominação de gênero ao atribuírem à vontade divina a dominação “natural” do masculino sobre o feminino. E ainda, como essas religiões, servindo aos (ou servindo-se dos) interesses do poder político e econômico em vigor, regularam às mulheres o acesso ao saber e à instrução ou serviram de ruptura contra essa mesma regulação.

Ao descrever as mudanças contemporâneas com relação à educação formal, a autora afirma que, já no século XVIII, as mulheres da elite francesa reivindicaram o direito à escolarização. Menciona ainda algumas das principais mudanças que ocorreram na França: a trajetória percorrida desde a escolarização oficial das meninas na escola primária (1880) e no secundário (1900), as dificuldades e barreiras enfrentadas pela primeira mulher a passar no exame final do curso secundário (1861) e a primeira a formar-se em Direito (1900), até o ingresso maciço de mulheres na universidade, que vai se dar a partir de 1950. Hoje as mulheres são maioria nas universidades francesas¹.

O quarto tema desenvolvido por Perrot privilegia, de forma temporal e abrangente, diferentes segmentos de trabalhos exercidos pelas mulheres. Das primeiras operárias, às empregadas domésticas que, muitas vezes, além de negociarem seu tempo e sua força de trabalho, têm seu corpo requisitado numa relação de exploração que ultrapassa os compromissos trabalhistas. Das novas profissões do setor terciário, como vendedoras, secretárias, enfermeiras, tidas como “boas para as mulheres”, à inserção no magistério e feminização da educação infantil, processos

¹ No Brasil, a luta das mulheres por instrução formal se deu de forma semelhante e praticamente no mesmo período que na Europa. Na primeira metade do século XX, embora o acesso ao ensino superior houvesse sido ampliado, ainda eram poucas as mulheres que se aventuravam nesse espaço, o que irá mudar radicalmente a partir da década de 1970, com uma grande expansão das matrículas (Almeida, 2000). Atualmente, a participação das mulheres tem apresentado taxas superiores às dos homens em todos os quesitos que envolvem o Ensino Superior: inscrição nos vestibulares, aprovação, ingresso, matrícula e conclusão (Ristoff, Grosz, Giolo e Leporace, 2007).

complexos, cuja participação feminina decresce na proporção inversa aos níveis de ensino. Do silencioso trabalho das mulheres camponesas, fortemente hierarquizado pelas sociedades patriarcais, à invisibilidade do trabalho doméstico, cujo caráter, marcadamente discriminatório, resiste às tentativas contemporâneas de igualdade entre os sexos, fazendo pesar sobre a mulher a identidade de dona-de-casa e a responsabilidade pelos afazeres domésticos².

Na última parte do livro a historiadora se dedica a abordar o complexo tema das mulheres nas cidades. Da Antigüidade aos tempos modernos, o limite do espaço social destinado às mulheres se balizou de forma muito restrita. Diversas formas de confinamento, como o convento, a casa da família, o bordel, o harém, o gineceu, ou o castelo feudal, impuseram às mulheres o destino do espaço privado. O livre acesso ao espaço público é uma conquista ainda muito recente para as mulheres.

As conquistas femininas de acesso a direitos civis, sociais e políticos, que durante tanto tempo lhes foram negados, configuram-se como conseqüência direta de movimentos e fenômenos sociais que causaram profundo impacto na sociedade. Dentre os fenômenos de maior impacto encontram-se as duas grandes guerras mundiais e as diferentes ondas de movimentos feministas. As guerras mundiais do século XX deixaram brechas ou rupturas no tempo, que abalaram profundamente os sistemas de poder e a estrutura de dominação masculina. Com a ação das guerras, caem por terra os discursos que até então privaram as mulheres da igualdade de direitos e restringiram seu espaço de atuação na sociedade. O esvaziamento da mão-de-obra como conseqüência da mobilização dos homens para as

² Recentes pesquisas realizadas no Brasil apontam para esse mesmo problema. Ainda diante da intensidade e constância da participação feminina no mercado de trabalho e de todas as mudanças trazidas pela modernidade, persistem os traços de segregação. As mulheres permanecem como principais responsáveis pelos afazeres domésticos e cuidados com os filhos, o que representa, para elas, uma sobrecarga de trabalho. Tanto no meio rural, quanto no meio urbano, para a maioria das mulheres, a jornada diária de trabalho implica a combinação da esfera doméstica e da esfera trabalhista (Soares e Sabóia, 2007).

frentes de batalha leva as mulheres a assumirem novos papéis na sociedade que irão abalar a ordem reinante e as relações de poder entre os sexos. Com relação ao feminismo, não se trata de um único movimento, mas de muitos e até divergentes movimentos feministas. Estes apresentam caráter plural e intermitente, variando em estilo, envolvimento e opinião, conforme a época, a classe social, o país de origem e até mesmo a religião das mulheres que dele participam. O feminismo contemporâneo é marcado pela reivindicação de conquista dos direitos sobre seu próprio corpo, em especial o direito à interrupção voluntária da gravidez.

Minha história das mulheres é uma obra abrangente e vibrante. Enquanto historiadora e pesquisadora da história das mulheres, Michelle Perrot demonstra um cuidado extremo na abundância de notas para demonstrar suas declarações. O livro em questão é uma referência de destaque para estudos cuja temática envolva relações de gênero e história das mulheres.

Bibliografia

- ALMEIDA, Jane Soares de. "As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania". *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 81, n. 197, p. 5-13, jan./abr. 2000.
- RISTOFF, Dilvo *et al* (orgs.). *A mulher na educação superior brasileira: 1991-2005*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007, 292 p. Disponível em: << http://www1.ibge.gov.br/home/estatistica/populacaoempo_trabalho_afdom_pnad2001_2005.pdf>> Acesso em: 8 de outubro de 2007.
- SOARES, Cristiane; SABÓIA, Ana Lúcia. *Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 a 2005*. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2007, 47p. Disponível em: << http://www1.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tempo_trabalho_afdom_pnad2001_2005.pdf. >> Acesso em: 8 de outubro de 2007.

Recebido em out./nov. de 2009 e aprovado em jan. de 2009.